

**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de lançamento do Plano Agrícola e Pecuário-2007/2008**

Palácio do Planalto, 28 de junho de 2007

Excelentíssimo vice-presidente da República, José Alencar,
Meu caro senador Renan Calheiros, presidente do Senado Federal,
Meu caro Arlindo Chinaglia, presidente da Câmara dos Deputados,
Ministros Reinhold Stephanes, da Agricultura, Pecuária e
Abastecimento; Néelson Machado, interino da Fazenda; Paulo Bernardo, do
Planejamento, Orçamento e Gestão; Guilherme Cassel, do Desenvolvimento
Agrário; Walfrido dos Mares Guia, da Secretaria de Relações Institucionais da
Presidência da República,

Senhores embaixadores estrangeiros acreditados junto ao governo
brasileiro,

Meu caro João Paulo, presidente da OCEPA, Organização das
Cooperativas do estado do Paraná,

Ideli Salvatti, senadora da República, líder do governo e líder do PT,

Meus caros deputados federais, Henrique Alves, líder do PMDB; José
Múcio, líder do governo na Câmara dos Deputados,

Meu caro Silvio Crestana, presidente da Embrapa,

Senhoras e senhores representantes do setor agropecuário e
empresarial de cooperativas e de entidades,

Meus amigos deputados federais aqui presentes, deputadas,

Meus amigos e minhas amigas,

Todas as vezes que eu vou fazer um discurso em que o meu antecessor
leu os números que eu ia falar, eu sou obrigado a mudar e conversar com
você um pouco mais com o sentimento que eu tenho.

Primeiro, quero dizer para vocês que eu, para evitar um desastre,
levanto todos os dias às seis e meia da manhã e, mesmo contra a minha
vontade, Zanetti, sou obrigado a fazer 45, 50 minutos de esteira, depois fazer
um monte de exercícios, tudo isso para evitar que eu seja pego de surpresa

com uma dorzinha no peito e seja obrigado a correr para um hospital altas horas da madrugada e ter que me submeter, primeiro a um cateterismo, depois a uma cirurgia, e a gente nunca sabe o que acontece no final de tudo isso.

Essa ação preventiva que eu faço, e que eu citei, tem que ser um espelho das ações preventivas que nós precisamos ter para a agricultura. E o momento é exatamente este. Não dá para encontrar soluções perfeitas para a agricultura se a gente deixar para discutir os problemas da agricultura apenas em época de crise. Em época de crise, nós temos as pessoas sérias que querem encontrar a solução, nós temos as pessoas que querem tirar dividendos políticos, sobretudo se estivermos perto de uma eleição, nós temos as pessoas que, por outras razões, devem e querem tirar proveito daqueles devedores que devem por conta da crise mesmo. Ou seja, em época de crise acontece de tudo. Num momento como este, a gente pode – e é essa a determinação que tem o ministro Reinhold Stephanes, o ministro Guido Mantega e todos os ministros envolvidos – juntar o setor, seja da agricultura familiar, seja do agronegócio, e estabelecer as bases para que nós criemos os instrumentos definitivos para que a gente não tenha que sofrer todas as vezes que tem um problema de intempérie no País.

Se vocês trabalharem da forma que eu fico imaginando que vocês devem trabalhar neste bom momento que vive o setor da agricultura no Brasil, a gente pode chegar, no final deste ano, tendo aprovado o projeto de lei que citou o ministro Reinhold Stephanes. Na hora em que entrar no Congresso, tanto a bancada que representa o setor quanto os outros deputados terão que trabalhar para colocar isso como uma coisa prioritária a ser votada no Congresso Nacional, para que vocês e o governo se dotem de instrumentos definitivos para que a gente não tenha que correr atrás do prejuízo a cada momento da história deste País. É uma coisa cíclica, são dois anos bons, três anos bons, depois dois anos de desastre, depois temos mais dois anos bons, depois mais três anos de desastres. É assim na história.

Eu não conheço um momento na história do Brasil em que a gente não teve, a cada três, quatro anos, problemas enormes na agricultura brasileira. Muitas vezes nossos problemas, muitas vezes problemas que advêm do mercado internacional, sobretudo agora que o Brasil é levado em conta no mercado internacional. Não é apenas a era do café, hoje, é a era da carne, é a

era do suco de laranja, a era da soja, a era de produtos industrializados da agricultura, a era do álcool, a era do biodiesel. Aumentou a nossa responsabilidade no mundo, aumentou a nossa responsabilidade no mercado internacional e, portanto, nós temos que ter muito mais cuidado.

Vocês acompanharam recentemente, lá em Bruxelas, a reunião da Rodada de Doha. E por que não se chegou a um acordo? Nós estávamos dizendo claramente o quê? Para se chegar a um acordo, os Estados Unidos da América do Norte deveriam reduzir os seus subsídios, que tinham um limite de 40 bilhões de dólares, que nos últimos três anos aplicou subsídios de 15 bilhões de dólares, mas que no último ano aplicou apenas 11 bilhões de dólares. Então, pela média, nós estávamos querendo que os Estados Unidos ficassem com 12 bilhões de dólares de subsídios, contra os 15 que eram a média dos últimos três anos e 1 bilhão a mais do que foi aplicado no ano passado. Eles queriam 17 e nós queríamos que os europeus abrissem o número da agricultura, nós queríamos que eles permitissem a mesma flexibilidade que eles exigiam de nós nos produtos industriais e no setor de serviços. Nós queríamos que eles abrissem na questão da agricultura, eles não abriram e começaram a fazer pressão para que os países emergentes, dentre os quais o Brasil, Índia, China, Argentina e outros, abrissem para os produtos industriais. No fundo, no fundo, nós iríamos abrir mais o nosso mercado de produtos industriais e eles não iriam abrir para nós aquilo em que nós somos tão competitivos quanto eles, que é o mercado agrícola. Então, não tem negócio.

Eu estou viajando na terça-feira para Portugal, vou ter encontros com representante da União Européia, com a Chanceler alemã, com o Presidente de Portugal, com o Primeiro-Ministro da Espanha, mas se eles não abrirem a agricultura, não tem mais conversa. Nós não podemos trabalhar com eles no século XXI como se trabalhou no século XX. Eles precisam compreender que os países emergentes precisam ter a oportunidade de disputar com eles. Então, não fechou o acordo.

Eu me lembro que na sexta-feira passada, o Tony Blair me ligou exigindo que o Brasil aceitasse, exigindo não, ponderando que se o Brasil não aceitasse o coeficiente que eles iam propôr para a indústria não tinha acordo. Eu falei: então não tem acordo, porque mais uma vez vocês querem que os países emergentes, os países pobres, abram as suas porteiras e vocês lacrem

as de vocês. Disse ainda a eles: o momento de negociação dos técnicos acabou, agora é decisão política. Se vocês quiserem fazer uma reunião, em qualquer lugar do mundo, eu estou disposto a pegar o aviãozinho e viajar para qualquer lugar, para que a gente assuma a responsabilidade de tomar decisões. Porque, no fundo, no fundo, eles têm uma vantagem que nós não temos, eles criam os negociadores. Na União Européia não aparece nenhum representante do governo, são apenas negociadores da União Européia e, em nome de proteger os países mais pobres que entraram na União Européia, eles protegem os seus interesses.

Aí eu penso, meus amigos e minhas amigas, que nós estamos vivendo um momento em que nós poderemos, Reinhold, resolver várias das coisas que pareciam insolúveis. E a primeira delas é dar garantia financeira, institucional, de que esse fundo de catástrofe, de que o seguro agrícola, vão ser coisas perenes, não vão ser coisas eventuais que a gente vá discutir em momentos de crise, de que a garantia de preço mínimo tem que ser uma coisa perene e não política eventual em função de crises momentâneas. E nós temos que fazer isso por quê? Não apenas pela importância da exportação da nossa agricultura, pelo que representa na geração de empregos, pelo que representa na balança comercial. É porque, embora o Brasil não seja mais um país agrícola, como a gente dizia nos anos 60, é um país também industrializado, nós precisamos ter consciência de que a agricultura ganha uma importância maior na medida em que os biocombustíveis entram na rodada de qualquer discussão que a gente quiser fazer no século XXI.

Eu estou convencido de que será inexorável: o mundo vai se curvar à questão do biodiesel. É apenas uma questão de tempo e vai depender da gente ficar batendo, não aceitarmos o argumento de que os biocombustíveis vão ocupar a área de alimentos, não aceitarmos o argumento de que os biocombustíveis vão ocupar a Amazônia, não aceitarmos nenhum argumento que não seja o argumento de que nós patenteamos um combustível que eles não patentearam e, portanto, nós queremos colocar esse biocombustível no mercado internacional, para que eles cumpram aquilo que foi assinado no Protocolo de Quioto. E nós só queremos ter a chance de competir, queremos competir na carne, queremos competir no suco de laranja, queremos competir no café, queremos competir na soja, queremos competir nos alimentos

industrializados. É por isso que o BNDES tem incentivado que indústrias brasileiras e frigoríficos brasileiros comprem frigoríficos em outros países para que a gente possa adentrar no mercado deles e ver se começamos a exportar.

Bem, dito isso, eu queria dizer para vocês que esta semana nós tivemos uma notícia que eu acho extraordinária. Esses dias os jornais estamparam uma matéria de que a Braskem, que é a maior indústria petroquímica da América Latina, vai produzir eteno do álcool. E, numa parceria com a Toyota, nós poderemos produzir, no curto prazo, o primeiro carro verde do mundo, em que todos os componentes que hoje são de plástico do petróleo, serão de componentes do álcool. Obviamente que ninguém vai precisar andar de carro lambendo o carro por dentro, ninguém vai precisar beber o carro, mas essa é uma coisa tão extraordinária para um país que tem as condições competitivas que tem o Brasil, que eu fico imaginando o que pode acontecer neste País nos próximos 20 anos. Eu já tenho 61 e não sei se vou estar aqui para ver, mas certamente os nossos filhos e os nossos netos estarão aqui para ver que será através da agricultura que a gente vai fazer uma nova revolução industrial no mundo no século XXI.

Por isso Reinhold, eu quero te dar os parabéns, quero dar parabéns à bancada que tem ajudado na elaboração desses acordos, e dizer para vocês o seguinte, meus companheiros: nós temos mais três anos e meio de mandato, e nesses três anos e meio vocês precisam aproveitar para a gente construir aquilo que não foi construído em tantos anos, apesar de muitas vezes vocês terem presidentes da República que vocês imaginavam que estavam mais próximos de vocês. Eu não sou um agricultor, sou um torneiro mecânico, mas tenho consciência do que a agricultura representa para o Brasil e para o mundo.

Boa sorte e muito obrigado.